

1

Plantão Psicológico e a Clínica do Encontro Dialógico

Considerando ser a pesquisa ora proposta, centrada num Plantão Psicológico, numa experiência vivida junto a uma comunidade terapêutica específica, a Fazenda da Esperança, centro masculino, situada em Manaus, fez-se necessário explicitar o entendimento das expressões, Plantão Psicológico e Clínica do Encontro Dialógico.

1.1

Plantão Psicológico: Percurso Histórico

Para melhor entendimento da experiência do Plantão Psicológico vai-se empreender um breve percurso histórico de sua concepção e instalação no território brasileiro.

Assim, localiza-se o SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico) do IPUSP (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo). Ele foi criado com o objetivo de atender as necessidades da comunidade no que tange a atendimento psicológico, bem como possibilitar formação acadêmica em psicologia aos alunos graduandos dessa universidade (Morato, 2007).

De acordo com a autora, o SAP consagrou-se como um espaço acadêmico e institucional pioneiro, na transmissão da prática do Aconselhamento Psicológico na Abordagem Centrada na Pessoa. Constituiu-se em um local comprometido com as mudanças, inovações e investigações re-criativas. Voltou-se para pesquisas, ensino e atendimento à comunidade, dando ênfase aos significados das experiências humanas e das relações que as acompanham, focando os fenômenos humanos, numa perspectiva interdisciplinar, a fim de compreender as manifestações desses fenômenos nos vários contextos em que ocorrem.

Conforme Morato (2007) frente às inquietações provocadas pelo atendimento a grupos de pessoas com déficit sócio-econômico, novas possibilidades de abordagem foram procuradas, diz ela:

Privilegiando a prática como o lugar da experiência onde os questionamentos se apresentam, novos métodos para aprimoramento e desenvolvimento de profissionais estão sendo investigados como formas de subsídios para o estudo de práticas preventivas para atendimento institucional, bem como para expandir a experiência de profissionais/psicólogos para as necessidades sociais demandadas pela situação sociopolítico-econômica do país (p. 33).

A partir desses desafios, em contexto específico, surge o Plantão Psicológico como possibilidade de beneficiar a população que necessita de ajuda psicológica em situações de atendimento emergencial. Busca facilitar para o cliente uma visão distinta de si mesmo e de sua perspectiva frente à problemática que vive e que gera seu pedido de ajuda. Segundo a autora, a maneira de enfrentar essa dificuldade se definirá no próprio processo do Plantão, com a participação efetiva de ambos: cliente e conselheiro-psicólogo.

Mafhoud et al (1999), confirmam essa história, reafirmando que os primeiros rumores de reflexões para a construção do Plantão Psicológico no Brasil, começaram no final da década de 70, no Instituto *Sede Sapientiae*, no Centro de Desenvolvimento da Pessoa (CDP)- no referido SAP, em São Paulo. Reflexões estas inspiradas nas experiências de *walk-in clinics*, que emergiram nos Estados Unidos.

Os mesmos autores informam que:

Daí surgiram as primeiras reflexões sobre as potencialidades de um serviço de “Plantão Psicológico”: o poder transformador da escuta atenciosa, não diretiva, centrada no cliente, confiante na tendência aos desenvolvimentos das potencialidades inerentes à pessoa (tendência atualizante), e na possibilidade dessa tendência ser estimulada, mesmo através de um único encontro, desde que este último possa oferecer presença inteira [...] (p. 16).

O Plantão Psicológico passa a se apresentar como um desafio a ser vivenciado, aberto às mudanças dos tempos, da cultura e da realidade social.

Complementam Cury et al (1999):

Estamos de plantão, de maneira ativa e pertinaz! Esta parece ser uma alternativa suficientemente contemporânea para levar-nos ao encontro desta que nos cabe como realidade, neste tempo e neste país. Uma ética das relações interpessoais, sutil, mas poderosa, feita de pequenos gestos, e acenos suaves, simples e ainda assim determinada, parece conduzir os projetos de Plantão Psicológico [...] (p. 13).

Deste modo, com o passar dos tempos os frutos das experiências iniciais fora e dentro do país amadureceram. O trabalho cresceu na observação sempre atenta e sistematizada, com rigor metodológico, pautado no olhar centrado na pessoa numa perspectiva fenomenológica. Assim se preparou o terreno para que emergissem mais Plantões Psicológicos, de acordo com a necessidade de cada local.

Compreende-se que o Plantão foi criado com o objetivo de prestar atendimento imediato à comunidade, com poder transformador e escuta atenta centrada no cliente, possibilitando desenvolver as potencialidades inerentes à pessoa, através de um único encontro, pautado na ótica da abordagem Centrada na Pessoa, na perspectiva compreensiva, conforme destaca Rogers (1987) apud Mafhoud (1999):

Se atendermos à complexidade da vida humana com olhar justo, temos que reconhecer que, numa hora ou menos, é altamente improvável que possamos reorganizar a estrutura da vida de um indivíduo. Se pudermos reconhecer este limite e nos abstermos de desempenhar o papel de Deus, poderemos oferecer um tipo muito precioso de ajuda, de esclarecimento, mesmo num certo curto espaço de tempo. Podemos permitir ao cliente que exprima seus problemas e sentimentos de forma livre e deixá-lo com o reconhecimento das questões que enfrenta (p. 16).

Desta forma, oferece-se ao cliente que procura pelo serviço psicológico, um tipo de ajuda valiosa, levando-o a reconhecer seus próprios sentimentos e possibilidades de auto direção, no momento de dificuldade, sem ter que passar por um atendimento prolongado, embora possa vir a se beneficiar desse em outro momento.

O Plantão Psicológico, assim considerado, também passou a oferecer oportunidade aos acadêmicos de Psicologia, a vivência de uma experiência única em suas vidas - um novo fazer Psicologia, uma nova construção.

Voltando à história do SAP (Serviço de Aconselhamento Psicológico), este registra que seu primeiro grupo foi composto por doze plantonistas e uma supervisora.

“Somos um grupo de psicólogos prontos para ouvir, trocar idéias, esclarecer dúvidas. Enfim, estar com você no momento que um psicólogo pode ajudar” (Mafhoud et al, 2004, p. 20).

A fim de autenticar a prática constituída, os profissionais daquele grupo de pioneiros, abriram espaço para que os clientes relatassem sobre a importância de

serem ouvidos e desabafassem sobre suas dúvidas, medos, angústias... após terem experienciado aqueles momentos. Assim, após cada atendimento ressalta Mafhoud et al (1999), era solicitado ao cliente que escrevesse como se sentia após ter vivenciado o atendimento. Vejam-se alguns trechos segundo o relato desses autores:

Como é bom ter e sentir que podemos sentar e conversar com uma pessoa. Falar de nossos problemas sem pensar que vamos ser censurados.

Acho essa iniciativa muito válida e isso, acredito eu, vem ressaltar ainda mais o papel, ainda às vezes reprimido do psicólogo na sociedade. Acredito que mesmo sendo um só encontro, estes 50 ou 60 minutos que sejam nossas 23 horas restantes e dias posteriores serão bem melhores (p.23-24).

A partir desses relatos pode ser percebido o caráter preventivo de uma intervenção deste tipo de Plantão Psicológico, ocorrendo no momento oportuno, sem a pretensão de resolver problemas de ordem profunda, mas propiciando a oportunidade de provocar no cliente a reflexão sobre si mesmo e sua condição, no mundo.

A proposta desse tipo de Plantão cresceu, ganhou a confiança da comunidade acadêmica da Psicologia, e dos próprios plantonistas. Segundo Mafhoud et al (1999, p.29):

O desempenho profissional é fruto possível de raízes filosóficas, e é verdade que se conhece a árvore pelos frutos. Mas se o fruto-desempenho profissional não morrer, ficará só; se morrer um pouco, para uma reflexão mais profunda e para se misturar com o que dá vida, produzirá cem por um.

Portanto, prosseguindo esta síntese histórica, o estudo revela que em 1997 é criado, na periferia de Belo Horizonte, o primeiro Plantão Psicológico nessa cidade, em uma escola pública, voltado para seus alunos e docentes.

A experiência, agora se funda em numa instituição escolar, e teve uma ótima aceitação. Mafhoud et al (1999) ressaltam:

De um modo geral, vários indícios nos mostraram a efetividade dessa proposta, tanto no decorrer do trabalho quanto ao encerramento do primeiro semestre. Pudemos perceber nas opiniões que os alunos deixaram escritas; nos folhetos de avaliação final; no próprio retorno que eles nos davam do atendimento quando vinham nos contar como haviam resolvido sua questão, ou como lidavam com ela agora; na fala dos professores e da diretora em uma reunião com eles no fim do semestre, em que disseram ter notado mudanças em alguns no decorrer do tempo que o Plantão Psicológico funcionou, nossa percepção subjetiva no momento do atendimento, em que estávamos acompanhando o movimento do aluno durante o percurso da sessão (p.77).

Deste modo, o Plantão Psicológico configurou-se como um serviço de atendimento em Psicologia que efetivamente podia acontecer em outros campos e alcançar as pessoas que o procurassem em busca de ajuda, de escuta.

Walter Cautela Júnior, em 1992 desenvolveu o primeiro Plantão Psicológico em um hospital psiquiátrico (Mafhoud et al, 2004). A experiência agora atingia indivíduos institucionalizados. O referencial teórico foi amplamente influenciado pela visão da fenomenologia existencial, tendo como linha teórica principal a abordagem centrada no cliente.

Com a premissa básica de colocar-se disponível frente às necessidades do cliente no momento do encontro e com a peculiaridade deste poder ser único, conseguimos uma abordagem terapêutica eficiente em curto espaço de tempo, visto que o nível de ansiedade, irritabilidade e agitação dos internos diminuiu significativamente após o Plantão Psicológico (Mafhoud et al, 2004, p.101).

O referido Plantão Psicológico possibilitou aos internos que fizessem suas escolhas, abrindo espaço para que se posicionassem e tomassem posse de suas experiências, proporcionando o resgate do indivíduo institucionalizado como pessoa. Desta maneira, continuam Mafhoud et al (1999): “O Plantão Psicológico adquire característica de catalisador de mudanças. Mudança é essencial para o desenvolvimento” (p. 114).

Logo em 1994 é registrado que a PUC-Campinas aceitou o desafio de vivenciar o Plantão Psicológico em sua clínica-escola (Mafhoud et al 2004).

A partir deste breve resumo da disseminação do Plantão Psicológico, percebe-se que o mesmo viabiliza um tipo emergencial-compreendido como um serviço que privilegia a demanda emocional imediata do cliente - e que funciona sem necessidade de agendamento, destinado a pessoas que a ele recorrem espontaneamente e possibilita aos acadêmicos, quando é o caso, uma formação especial.

Mafhoud et al (1999) dizem: “Esta posição coincide com uma perspectiva de integração, proposta e defendida em relação ao conceito de Clínica-Escola que une estes docentes-supervisores” (p.75).

O Plantão Psicológico se constitui, de um lado como tarefa desafiadora e de outro, enfrenta críticas daqueles que não concebem sua eficácia para uma abordagem psicológica, entretanto no seu existir vem mostrando relevantes serviços a quem o procura. Mafhoud et al (1999) afirmam:

A despeito do Plantão Psicológico ser caracterizado pelos cépticos como apenas mais um tipo de intervenção a dois, breve demais para produzir qualquer mudança duradoura, diríamos que este serviço tem contribuído para nos aproximar da verdade sofrida que confere realismo ao suor e às lágrimas de nosso povo, mas paradoxalmente tem também aumentado nossa fé no processo dos relacionamentos interpessoais, pelos quais transita e é intensificada a possibilidade de recuperação da dignidade humana em sua mais nobre acepção (p. 129).

A partir dessas reflexões pode-se dizer que, o Plantão Psicológico se constitui onde há a possibilidade de viabilizar um atendimento do tipo emergencial, para problemas de natureza emocional.

Há de se observar que se vive num mundo em constante transformação, uma sociedade imediatista, que solicita respostas rápidas. É se surpreendido por mudanças a todo instante de ordem material, tais como: desemprego, separação, competitividade, instabilidade econômica e de ordem emocional. Há exigência que o trabalho do psicólogo esteja voltado para uma preocupação e compreensão com essas mudanças, esse homem inserido neste contexto social. Cabe ao profissional estar aberto ao inesperado, ao novo, ao imprevisível, enfim às emergências que poderão surgir. Gonçalves et al (2007) complementam esse pensamento:

Entendendo emergência, como algo que emerge ou situação crítica, as pessoas que procuram plantão estão vivendo questões e problemas que surgiram naquele momento como algo que chegou ao limite e precisa de cuidado, ou ainda estão passando por mudanças drásticas e procuram orientação e o reencontro com seu equilíbrio anterior. Desde rompimentos de namoro até rompimentos com a realidade. Responder a toda a demanda com psicoterapia, nem sempre é viável e aceitável pelas pessoas. O plantão entra, portanto, neste vácuo, onde o que configurará o atendimento ou encontro é o próprio cliente, de acordo com sua necessidade emergencial (p. 6-7).

O Plantão Psicológico é uma prática psicológica em emergências, pautada na escuta, acolhimento e cuidado. Um encontro genuíno! Possibilita àqueles que se dispõem, a se engajar a esse tipo de atendimento, resgatar suas histórias, refletir sobre sua condição humana, sobre o ser-no-mundo, na descoberta da relação de um Eu e Tu (Buber, 2006).

Eisenlohr (2007) apud Schmidt dizem:

Colocar-se ao lado, ou do lado, da clientela significa, desta forma, retomar constantemente recursos teórico-práticos, reinventando-os ali onde se mostram a serviço do saber constituído da dominação e da exclusão – ali onde passam a servir à resistência e à defesa frente ao inusitado das demandas e do sofrimento vivido pela clientela em sua imensa riqueza e singularidade (p. 141).

A proposta é promover um espaço para reflexão sobre si mesmo, sobre a situação em que se encontra cada pessoa. A relação de escuta instituída é para acompanhar o movimento do outro. Mahfoud et al (1999) alertam que:

Abre-se, portanto, uma ampla gama de possibilidades quanto ao desenvolvimento da relação cliente-plantonista, embora esta seja breve. Cabe salientar que a eficácia do serviço prestado não utiliza como critério o grau de resolubilidade do problema, isto é, não se prioriza como foco do atendimento a queixa em si, considerada como algo objetivável e despida dos significados que lhe são atribuídos, mas sim a pessoa, compreendida como um todo que se revela em suas formas características de expressão, matizes de comportamento, atitudes, emoções, visando conferir-lhe autonomia. Também facilitando-lhe a reflexão, a busca de maneiras ou caminhos possíveis para transpor as dificuldades que vivencia (p. 119-120).

Na experiência do Plantão percebe-se o quanto se é afetado pela experiência do outro. Quando se está junto com o outro, na relação terapêutica, também se está com você mesmo. É um encontro de subjetividades cria-se uma intersubjetividade. É um lançar-se frente ao outro, a fim de criar possibilidades para que este possa se revelar. Mahfoud et al (1999) prosseguem com a passagem:

[...] A escuta, enquanto postura básica é saber ouvir o outro, estar preparado e disponível para receber a vivência que estiver trazendo, tomando-a em sua complexidade original, em seus múltiplos horizontes, de maneira tal a facilitar que a pessoa examine com cuidado as diversas facetas de sua experiência (p. 129).

A escuta tem um poder transformador, pois conduz àquele ser da experiência de transitar na mundaneidade do outro e compreender sua forma de ser-no-mundo. Quando se está disponível a escutar o outro se facilita seu discurso e permite-se que aspectos conflitivos emerjam. Desvelando-se, e revelando-se o cliente reflete sobre si mesmo e talvez, descubra-se em sua liberdade na escolha de suas possibilidades. Pode-se conferir na citação de Feijoo (2000) que diz:

A psicologia, com fundamento na fenomenologia e no existencialismo, afirma que ao psicoterapeuta cabe a tarefa de trazer à tona a expressão inautêntica e autêntica do cliente, mobilizando-o de forma a possibilitar o reconhecer-se – bem como uma vez lançado em sua liberdade, sua responsabilidade, escolher suas possibilidades (p.15)

Deste modo, percebe-se o quanto as pessoas que procuram o Plantão Psicológico estão em busca de sentido para as suas vidas, não importando idade, sexo, mas na verdade buscam o real sentido de existirem, de terem sido lançadas no mundo, a maneira como apreendem este mundo. Elas clamam por cuidado. Deste modo, segundo Critelli (1996):

“[...] Cuidando de ser, os homens vão se realizando e objetivando o(s) sentido (os) de existir/ser; vão interagindo uns com os outros e, com isso, vão tecendo a trama do mundo mesmo através do qual são, quem eles são (plural e singularmente). A partir desta trama, tudo o que é pode efetivamente aparecer, porque é ela (e cada homem em sua singularidade) que permite que se desvele, revele, testemunhe, veracize e autentique isso mesmo que aparece” (p.32).

Como se nota este serviço se propõe a proporcionar um vínculo transitório entre o cliente e o plantonista, baseado num encontro de caráter dialógico estruturado na empatia e no acolhimento, possibilitando a emergência da experiência emocional do ser. Ele permite o reconhecimento de si mesmo e do outro no contexto da realidade vivida. Pode-se dizer que, em sua história esse encontro, pautado na escuta e ética psicológica provoca mudanças significativas ao cliente, levando-o a ressignificar sua existência e a construir novos projetos de vida. A autora Morato (2007) acrescenta:

Encontro profundo e significativamente potencial para propiciar mudanças e que demanda do terapeuta uma qualidade especial para acolher, ouvir e promover revelação de intimidade de afetos, quase tão primitivos como um mito.

[...] qualidade de escuta e ato de compreensão que possibilitam “cura” (cuidado) na pro-cura re-petida: *revérie*, *holding*, congruência, aceitação, acolhimento, empatia, ou seja, condição de presença com compreensão cuidadosa do terapeuta (p. 71).

Nessa perspectiva, o Plantão Psicológico é constituído, como um espaço de criação e recriação, de experiências e de trocas. Onde os envolvidos podem se expressar, falar de suas angústias, seus conflitos. Está-se aberto à experiência do outro, pois se entende que a partir disso, se constrói uma prática com sentido.

Tornando-se, desta maneira, um momento único e irrepetível, uma troca de experiências, uma intersubjetividade, que apóia. O Plantão Psicológico autentica-se como um espaço de acolhimento e escuta ativa diante do outro, criando condições para que ele se disponha a apreender novos sentidos e significados para a sua existência, para que assim se construa a partir da experiência vivida, uma nova história. Como melhor explica Mafhoud et al (1999) nesta citação:

Respeitosamente, os plantonistas aguardam por seus clientes, sem saber quem serão, o que os trará, como ajudá-los... Quando chegam, repete-se um encontro feito de apertos de mão, olhares, conversas... E assim, despreziosamente, atitudes simples de acolhimento trazem de volta a magia dos rituais: de homens primitivos ao redor de fogueiras ancestrais até a comovida cumplicidade destes momentos refazem-se os elos históricos de nossa humanidade em processo de vida. Estas são horas solenes porque nos tornam a todos mais humanos e este mesmo ritual que ao ser reencenado perpetua valores e crenças, paradoxalmente tem o dom de transformá-los (p. 135-136).

Estes encontros certamente são momentos singulares, onde atitudes de acolhimento ao outro são capazes de transformar significativamente sua história, e fazer transitar na mais envolvente complexidade humana, do vir-a-ser. Neste contexto, cabe ao plantonista estar atento a receber as múltiplas facetas vivenciadas pela pessoa, tomando-as em suas complexidades originais e em seus diversos horizontes, de maneira tal a facilitar que a pessoa examine com cuidado a sua realidade existencial. Tal objetivo só será alcançado com a realização de uma verdadeira escuta do plantonista.

O cliente deve vir de maneira espontânea ao Plantão. O plantonista deve estar disponível a oferecer uma escuta atenta e ativa às demandas que emergirão durante o atendimento.

O Plantão Psicológico viabiliza um atendimento do tipo emergencial - compreendido como um serviço que privilegia a demanda emocional imediata do cliente – e que funciona sem necessidade de agendamento, destinado às pessoas que a ele recorrem, espontaneamente, em busca de ajuda para problemas de natureza emocional (Mafhoud, 1999, p. 116).

A proposta de caráter emergencial certamente corresponde ao esperado, e torna-se referência dentro desse contexto, como promotor de ajuda psicológica, no exato momento que alguém procura por ajuda. O autor Mafhoud, 2004 enriquece essa percepção:

No entanto, o objetivo primordial do plantão é o de constituir-se num serviço alternativo às psicoterapias tradicionais, especificamente voltados àqueles que por inúmeras razões não se beneficiariam (ou não estariam disponíveis) de um atendimento clínico a médio ou longo prazo (p. 116-117).

Sendo assim, o Plantão Psicológico ganha espaço na sociedade disponibilizando-se a oferecer àqueles que procuram um encontro genuíno, um espaço de sentido para sua existência.

1.2

Plantão Psicológico: Clínica do Encontro Dialógico

Não se pretende esgotar aqui as reflexões sobre a atuação da clínica psicológica no espaço do Plantão Psicológico, mas talvez, construir um olhar sobre o fazer da Psicologia que contemple o humano no seu jeito de ser-no-mundo, vislumbrando o fenômeno da vida em si mesmo.

Para esse percurso, acrescenta-se à perspectiva adotada algumas considerações teóricas que explicitam a postura compreensiva, fenomenológica que embasam a clínica do encontro dialógico. Para isso se vale de autores reconhecidos nessa posição, dentre outros Schmidt (2007), Boff (2002) e especialmente Buber (2006).

Schmidt (2007) logo esclarece: “Ou seja, as exigências da objetividade direcionam o investigador para o positivismo, a experiência terapêutica abraça o “pensamento existencial” que abre a subjetividade (p. 109)”.

Desta forma, logo se dá conta que a clínica do encontro dialógico, aqui colocada se desloca de uma atitude científica e adota uma atitude fenomenológica, suspendendo os pré-conceitos e pressupostos teóricos das ciências naturais que muitas vezes amarram e limitam a prática, assegurando-se de uma visão que apreende os vividos do homem no seu mundo. Veja-se a discussão de Schmidt (2007) a esse respeito:

A ciência pode começar a formular algumas leis provisórias da dinâmica das relações humanas. A ciência pode dar-nos uma descrição cada vez mais exata dos acontecimentos da terapia e das transformações que nela ocorrem. Pode exprimir publicamente e de uma forma que permita a discussão que, se existirem no terapeuta ou na relação determinadas condições operacionalmente definíveis, então podem esperar-se do cliente determinados comportamentos, com um grau conhecido de probabilidade (p. 112).

Mas a experiência vivida se acolhida pode surpreender por sua possibilidade de descoberta de ressignificações.

Dessa maneira, arrisca-se o autor a dizer que nenhuma teoria consegue explicar o sujeito em sua complexidade. Há diversidade de fenômenos, há diversas formas de manifestação de alegria, felicidade e do sofrimento humano. O mal-estar humano é sempre motivado pela incidência de múltiplas possibilidades de modos de ser e de viver. Almeida (2007) complementa com o

pensamento que: “Dentro dessa perspectiva, não é mais possível admitir o aprisionamento do homem em sua essência, a qual se manifesta através de um conceito forjado por uma metodologia lógico-científica” (p. 45).

Sendo assim, pode-se dizer que, a Psicologia Clínica está muito além de um reducionismo teórico, de um método ou de uma técnica, ela amplia-se onde haja encontros de subjetividades que se apóiam, onde haja possibilidades de se agenciar com o cliente outras formas de vir-a-ser pautadas no cuidado dialógico.

Segundo Boff (2002): “Cuidar é mais que um ato: é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo, e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (p. 33). O cuidado, desta forma, entra na natureza e na constituição do ser humano. Para esse autor o modo-de-ser cuidado revela a maneira concreta como é o ser humano, inspirando-se em Heidegger afirma que sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre. Boff (2002) explicita que: “Cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico (p. 34)”.

Nesse sentido, compreende-se que o psicólogo clínico deva estar presente numa relação de escuta, por inteiro, deva colocar-se disponível para acompanhar o movimento do cliente frente ao mundo e atento às mobilizações que poderão surgir nos encontros. Acolhendo seu sofrimento, oferecendo sua presença inteira, sua empatia e a aceitação incondicional ao outro, ouvindo-o. Discorre Rosenthal (2004):

Ouvir realmente, e não apenas ecoar, requer concentração do plantonista (terapeuta, ouvinte, etc.). Não é possível ouvir estando disperso como Eco. E não estou me referindo apenas como a capacidade de focalizar a atenção (no cliente ou na fala do cliente), mas quero ressaltar a concentração do terapeuta em si mesmo (p. 27).

Assim, pode-se dizer que, a Psicologia Clínica é o lugar do encontro. É possível fazer “alusão à metáfora “nós” para sinalizar a complexidade que envolve suas tessituras e desdobramentos, pois “[...] só posteriormente é que pode-se reconhecer as dificuldades que foi suportar esse lugar, ficar nesse lugar de incerteza e instabilidade” (Lima, 2003, p. 1) · Desta maneira, quando o cliente está frente ao psicólogo, não se sabe o que acontecerá, não se sabe sua história, nem

sequer é dada uma pista. Está-se subitamente nu, pessoa para pessoa, e não há como não se afetar com a experiência do outro.

O Plantão Psicológico nesse sentido pode ser uma modalidade da clínica psicológica que implica no cuidado. Enquanto psicólogo quer dizer: estar implicado no cuidado com o outro, isto é, com aquele que convoca que solicita um tipo especial de ajuda psicológica. Estar em um processo de criar e recriar a todo tempo o fazer.

Pode-se dizer que o diálogo que se espera instaurar refere-se a uma interação específica entre pessoas, na qual há o desejo de encontrar genuinamente o outro, num diálogo. O Diálogo pode ser entendido como um modo de entrega da palavra para o outro e o recebimento da palavra dele, sabendo que a única coisa que torna duas pessoas iguais é a aceitação da diferença existente na presença viva de ambas. Não é aceitar ou negar a palavra do outro, dialogar é aceitar que o outro tem o direito de ser diferente de mim. Diálogo é encontrar e encontrar-se. É estar inteiro na relação, proporcionando um encontro genuíno, através da palavra.

Buber (2006) define a relação entre os homens:

[...] A relação não é uma propriedade do homem, assim como a intencionalidade não significa algo que esteja na consciência, mas sim algo que está entre a consciência e o mundo ou o objeto. Sendo assim, a relação é também um evento que acontece entre o homem e o ente que lhe defronta. Não é o homem condutor da palavra, mas é esta que o conduz e o instaura no ser (p.33).

Sendo assim, é por meio da palavra que o ser humano adentra a existencialidade, uma vez que ela contém o vivido, e torna-se dialógica no sentido de ser presença ao ser. É a palavra que situa o homem no mundo com o outro, que o faz ser humano. A palavra contém o vivido, é presença, é ser-com-os-outros, e o modo de estar-no-mundo. Buber (2006), afirma:

A ontologia da relação será o fundamento para uma antropologia que se encaminha para uma ética do inter-humano. Diz-se então que o homem é um ente de relação ou que a relação lhe é essencial ou fundamento de sua existência (p. 31).

Aquilo que ocorre entre um homem e seu outro, que se revela como parceiro em um acontecimento da vida, eis um encontro. Buber (2006) assegura que a experiência vivencial se revela através do encontro:

[...] o encontro é algo atual, um evento que acontece atualmente. A relação engloba o encontro. Ele abre a possibilidade da latência; ele possibilita um encontro dialógico sempre novo.

Dessa maneira, quando duas pessoas se entreolham havendo reciprocidade e uma profunda comunicação, sem que uma tenha o outro como objeto, então acontece o encontro: “O homem está apto ao encontro na medida em que ele é totalidade que age (Buber, 2006, p.35)”. Funda-se uma relação dialógica, um acontecimento de uma relação do inter-humano. O pensador acrescenta ainda, em relação ao encontro inter-humano:

[...] Inter-humano implica presença ao evento de encontro mútuo. Presença significa presentificar e ser presentificado. Reciprocidade é a marca definitiva da atualização do fenômeno da relação. O “entre” é assim considerado como a categoria ontológica onde é possível a aceitação e confirmação ontológica dos dois pólos envolvidos no evento da relação (p.34).

O processo terapêutico consiste na relação de duas pessoas que se lançam num encontro existencial, de onde emerge uma relação genuína, uma relação dialógica. Centrados no presente, terapeuta e cliente, enfatizam a experiência direta proporcionada pelo encontro que se dá entre os dois: um Eu e um Tu. Percebendo o outro em sua totalidade, numa relação inter-humana. Buber (2006) fala com propriedade sobre essa relação entre Eu e Tu.

A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro (p.59).

A palavra é princípio, é o fundamento da existência humana. A palavra-princípio alia-se à categoria ontológica do “entre” (“zwischen”) objetivando instaurar o evento dia-pessoal da relação. A palavra como diálogo é o fundamento ontológico do inter-humano. Para Buber (2006) a palavra-princípio define a existência:

As palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência. As palavras-princípio são proferidas pelo ser. Se se diz Tu profere-se também o Eu da palavra-princípio Eu-Tu. Se se diz Isso profere-se também o Eu da palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A palavra-princípio Eu-Isso não pode jamais ser proferida pelo ser em sua totalidade (p.53).

Percebe-se que é através dessa relação que se estabelece entre Eu-Tu que se funda nossa existência. Para Buber (2006) o dialógico, enfatizando ocorre na esfera do “entre”, e é marcado pelas palavras-princípio: Eu-Tu e Eu-Isso. A

relação Eu-Tu é uma atitude de interesse genuíno em relação ao outro com quem se interage, quando se volta o ser para esta pessoa, anuncia-se o outro em sua totalidade, em uma visão de todo o ser. Em contrapartida, na relação Eu-Isso a outra pessoa é vista como um objeto, como uma coisa com definições e delimitações. A pessoa passa a ser um meio para um fim, e, na medida em que vejo o outro como objeto, passo também a ser objeto e meio para um fim. Buber (2006) certifica a assertiva:

[...] As atitudes, como veremos adiante, se traduzem pela palavra-princípio Eu-Tu e pela palavra-princípio Eu-Isso. A primeira é um ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútua. A segunda é a experiência e a utilização, atitude objetivante. Uma é atitude cognoscitiva e outra atitude ontológica (p.32).

Na relação terapêutica, busca-se com o diálogo, delinear um atendimento psicológico a partir do cuidado com a pessoa em sua integralidade, facilitando seu movimento incessante de integrar-se e transformar-se mediante o encontro genuíno com o outro. Permite-se entrar em contato com o outro, *ser com* o outro numa posição de abertura e disponibilidade, ou seja, numa relação autêntica, considerando o inter-humano. Fica em evidência o que está acontecendo nessa relação entre eles. Pois, é neste “entre” que se abrem possibilidades de existir, e, de dar sentido aquilo que não têm sentido, ou de ressignificar aquilo que necessita de um novo sentido. Buber (2006) complementa:

O homem se torna Eu na relação com o Tu. O face-a-face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece, aumenta cada vez mais.[...] Eu se encontra, por um instante, diante de si, separado, como se fosse um Tu, para tão logo retomar a posse de si e daí em diante, no seu estado de ser consciente entrar em relações (p.70).

Assim, o psicoterapeuta se considerar esta postura em sua ação terá uma compreensão mais profunda do seu cliente, um entendimento de seu ser-no-mundo, através do encontro genuíno, e este terá uma nova percepção de sua possibilidade de estar e ser-no-mundo.